

ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM FACHADAS COMERCIAIS COMO PROPOSTA DE LETRAMENTO

Roniela Almeida Moreira (UEMASUL)

roniela.moreira@uemasul.edu.br

Beatriz Santana do Carmo (UEMASUL)

beatriz.carmo@uemasul.edu.br

Maria da Guia Taveiro Silva (UEMASUL)

maria.silva@uemasul.edu.br

RESUMO

Este estudo tem por objetivo geral analisar a variação linguística em fachadas de estabelecimentos comerciais, na cidade de Imperatriz - MA, como uma proposta de letramento. Assim, parte do seguinte questionamento: Como aliar o ensino da variação linguística às práticas de letramento? Nesse contexto, apresenta como principais teóricos: Bagno (2009), Bortoni-Ricardo (2004), Rojo (2009), Soares (2017) e Street (2014). A pesquisa se classifica como qualitativa e de abordagem bibliográfica. Para a seleção do *corpus* foi utilizada a ferramenta *Google Maps*, sendo escolhidas 4 (quatro) fachadas, que contenham algum aspecto variacionista. São várias as maneiras em que a linguagem se manifesta em sociedade, apresentá-las aos alunos é uma forma de ampliar os horizontes no que concerne às práticas de letramento. Constata-se que o letramento não é exclusivo do ambiente escolar, ele acontece nos variados contextos sociais. Portanto, as fachadas comerciais sugerem informações que são relevantes para o estudo da língua, bem como para desenvolver as habilidades de leitura e escrita.

Palavras-chave:

Ensino. Letramento. Variação linguística.

Abstract

This study aims to analyze the linguistic variation in facades of commercial establishments, in the city of Imperatriz - MA, as a literacy proposal. Its main question is: How to combine the teaching of linguistic variation with literacy practices? The theory comes from researchers like Bagno (2009), Bortoni-Ricardo (2004), Rojo (2009), Soares (2017) and Street (2014). It is a kind of qualitative research with a bibliographic approach. The Google Maps tool was used to the selection of the corpus. It was found 4 (four) facades, which contain some variationist linguistic aspects. There are several ways in which language manifests itself in society, teaching them to students is a way to help them expand comprehension with regard to literacy practices. The results show that literacy is not exclusive to the school environment, it happens in different social contexts. Therefore, commercial facades suggest information that is relevant to the study of the language, as well as to develop reading and writing skills.

Keywords:

Literacy. Teaching. Linguistic variation.

1. Introdução

A discussão sobre letramento e variação linguística no ensino de língua portuguesa tem ganhado destaque, o propósito é a formação crítica do aluno. Nesse sentido, oferecer aos discentes um repertório linguístico abrangente significa torná-lo apto a utilizar a língua de acordo com os contextos de uso, atendendo às exigências da sociedade letrada.

Sendo assim, a escola é a principal instituição formal responsável por expandir as práticas de letramento. Um fator importante é que um indivíduo que não frequentou a escola e não sabe ler nem escrever pode participar de práticas de letramento, como afirma Rojo (2009, p. 99) “é possível ser não escolarizado e analfabeto, mas participar, sobretudo nas grandes cidades, de práticas de letramento, sendo assim, letrado de uma certa maneira”. Diante disso, notamos que o termo letrado baseado em uma compreensão mais ampla, não se refere somente à pessoa que é capaz de ler e escrever.

É nesse sentido que percebemos a heterogeneidade linguística nos diversos contextos sociais. Na sala de aula são vários os indivíduos que apresentam ao falar características particulares, relacionadas a sua cultura e modo de vida. Alguns discentes, devido ao contexto em que vivem e classe social, passam a ter a fala estigmatizada. Tal fato é preocupante, pois pode levar à evasão escolar, quando o professor não dá o tratamento adequado, uma vez que ele percebe que a “sua língua” não é aceita na escola.

O letramento não é exclusivo do ambiente escolar, ele acontece nos variados contextos sociais que participamos no nosso dia a dia, como na leitura de rótulos, lista de compras, bilhetes, fachadas de estabelecimentos comerciais, receitas e instruções para o uso do elevador, dentre outros (ROJO, 2009).

O letramento institucionalizado acaba por limitar a abordagem das práticas de letramentos, a seleção dos textos tende a não representar a realidade dos alunos ou se limitar apenas ao livro didático. É necessário apresentar para os alunos as múltiplas linguagens, os tipos de letramentos que estão no cotidiano (ROJO, 2012).

Nesse contexto, insere-se este trabalho que apresenta como objetivo principal analisar a variação linguística a partir de fachadas de estabelecimentos comerciais, na cidade de Imperatriz-MA, como proposta de letramento. Além disso, como objetivos específicos: identificar os termos

que apresentam variação, nas fachadas dos estabelecimentos comerciais; descrever os termos encontrados; apontar caminhos, durante a análise do *corpus*, de como o professor pode abordar o conteúdo da variação linguística em sala de aula, a partir desse recurso linguístico.

Uma das pretensões desse estudo é contribuir com o ensino de língua materna, levando em consideração fatores internos e externos da língua. A proposta é analisar fachadas de estabelecimentos comerciais, de Imperatriz-MA, com a finalidade de sugerir um trabalho pedagógico que alie variação linguística e letramento. Desse modo, foi levantado o seguinte questionamento: Como aliar o ensino da variação linguística às práticas de letramento?

Nessa perspectiva, esse artigo utilizará como norte os pressupostos sociolinguísticos de Bagno (2009) e Bortoni-Ricardo (2004), e a teoria de Rojo (2009) e Street (2014) para o letramento. Esse trabalho é relevante por tratar de dois temas, dois processos que são indispensáveis para o ensino, principalmente o de Língua portuguesa. Além disso, o conhecimento amplo sobre a língua materna e o nível de letramento mais avançado do aluno, é um dos primeiros passos para o processo de inclusão social, sobretudo por vivermos em uma sociedade letrada.

2. *Letramento*

O termo letramento tem ganhado notoriedade no cenário atual, a sua origem é advinda do termo inglês *literacy*. Ele surgiu diante da necessidade de estudo dos impactos da escrita na sociedade. Assim, prática de letramento vai além do ato a ler e escrever. Letramento pode ocorrer em todas as esferas e contextos sociais, não se restringe somente as instituições formais, ele pode ser construído na conversa entre amigos, nos diálogos familiares e na rua, por exemplo (ROJO, 2009). Assim, a pessoa no seu cotidiano a todo momento pode estar inserida em práticas de letramento.

A prática de letramento escolar tem como um dos principais agentes o professor, porém, diante da globalização surgem mudanças de postura no que se refere ao que é trabalhado na sala de aula. Percebemos a inserção de novos letramentos, principalmente em relação às tecnologias digitais de comunicação. Nesse contexto, surge uma situação conflitante, pois alguns tipos de letramentos que são praticados massivamente fora da escola, dentro dela eles não são valorizados (ROJO, 2009). No entanto, a

escola deve preparar o aluno para as diversas práticas sociais, trabalhar habilidades e competências que são também de interesse deles, o que requer do próprio professor e do aluno os múltiplos letramentos, que, consequentemente ampliam as fronteiras para a obtenção do conhecimento.

A escola precisa trabalhar a construção do conhecimento por meio de estratégias de leitura, que ampliem o olhar crítico do aluno. No Brasil as avaliações apontam o quanto precisamos avançar no que concerne ao processo de letramento, e ainda é alta a taxa de analfabetismo funcional e analfabetos plenos. Ainda há quem trabalhe a leitura apenas como decodificação, mas leitura não se restringe apenas ao ato de decifrar palavras, é necessário que o leitor consiga captar as informações implícitas. Bortoni-Ricardo (2017, p. 16) afirma que o leitor para compreender um texto precisa “mobilizar conhecimentos estocados nas diversas áreas e disciplinas para dialogar competentemente com o texto”.

O aluno chega na escola com algum grau de letramento, alguns com o nível mais avançado e outros não. Os alunos que vivem em espaços nos quais a prática letrada é mais estimulada, ele tenderá a ter um nível de letramento mais avançado. Por exemplo, um aluno que vive na zona urbana, tem mais contato com textos escritos ou orais oriundos da escrita com letramento do que um aluno que mora na zona rural, assim como um aluno que tem pais leitores e outro que possui pais não leitores.

Portanto, a escola para atingir o objetivo do grau de letramento desejável, precisa passar por algumas transformações no ensino, de modo que o aluno consiga aprender como deve. Dessa forma, o aluno precisa ler, interpretar e compreender as informações, adquirindo as competências necessárias para atender as exigências da sociedade letrada.

2.1. O letramento fora e dentro da escola

A escola é a principal instituição formal responsável pelo letramento. Um fator importante é que um indivíduo que não frequentou a escola e não sabe ler e nem escrever pode participar de práticas de letramento. Segundo Bortoni-Ricardo (2017, p. 53) é necessário considerar “os diferentes níveis de letramento, (...) e que não é possível dividir pessoas em dois grupos, os que sabem ler e escrever e os que não sabem”, pois o homem por participar de diversos contextos sociais, em algum momento utilizará o conhecimento escrito.

Vale destacar os dois enfoques dados ao letramento, denominados de autônomo e ideológico. O letramento autônomo é aquele praticado na escola e o ideológico é o que acontece nos diferentes contextos sociais (ROJO, 2009). Então, ao letramento social é adicionado também o que chamamos de conhecimento de mundo, como Freire destaca (1999, p. 9), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

Para Street (2014) o modelo autônomo isola o letramento como uma variedade independente, não levando em consideração o contexto de inserção. Enquanto no que concerne o modelo ideológico, ele afirma que “aqueles que aderem a este segundo modelo se concentram em práticas sociais específicas de leitura e escrita” (STREET, 2014, p. 44).

Nesse contexto, alguns teóricos apresentam duas vertentes de letramento, a fraca e a forte. A fraca é relacionada ao letramento escolar, que exige o “uso da leitura e da escrita para funcionar na sociedade” (ROJO, 2009, p. 99), a forte, é a que se aproxima do letramento social, dessa forma “leva em conta os múltiplos letramentos, sejam valorizados ou não, globais ou locais” (ROJO, 2009, p. 100).

Destarte, as práticas de letramento tanto fora, quanto dentro do contexto escolar, necessitam andar juntas, para que o aluno tenha uma aprendizagem qualitativa e consiga desenvolver melhor suas habilidades de leitura e escrita, atrelando o uso da teoria com o contexto no qual ele está inserido.

3. *Varição linguística*

A Sociolinguística, área do conhecimento que trata do uso da língua em sociedade, tem a sua relevância por levar em consideração os falares utilizados em comunidades menores até às maiores, seja menos ou mais socialmente valorizadas. Passo essencial para a democratização do ensino na escola brasileira, pois classes sociais anteriormente ausentes dela, passam a serem inseridas, de fato, no contexto escolar (SOARES, 2017). Sendo assim, toda linguagem é tida como objeto de estudo, sem atribuir carga valorativa de melhor ou pior, pois como afirma Bagno (2009, p. 34) “(...) toda e qualquer manifestação linguística está sujeita a regras e tem sua lógica interna: não há razão para atribuir maior ou menor valor à forma linguística”.

A língua, assim como a sociedade e a cultura, é heterogênea, apesar de alguns insistirem na concepção de homogeneidade. Assim, esses veem a variação linguística como causadora do “caos” linguístico.

As variações que ocorrem na língua podem ser de natureza interna ou externa à língua. A variação de natureza interna ocorre nos seguintes níveis: lexical, fonológico, morfofonológica, morfológica, morfossintática, sintática e discursiva (COELHO *et al.*, 2015, p. 23). A variação lexical é bastante comum no português brasileiro, os exemplos mais frequentes no nível do léxico são as variações regionais, então um mesmo objeto recebe denominações diferentes.

É válido mencionar que a variação fonológica ocorre por metaplasmos de supressão, acréscimo, transposição e transformação. No que se refere à variação morfológica esta se caracteriza pela alteração da unidade mínima significativa da palavra, o morfema, por exemplo, a eliminação do infinitivo.

Os condicionadores extralinguísticos são aqueles referentes ao status socioeconômico, faixa etária, gênero e grau de escolarização, dentre outros (COELHO *et al.*, 2015). Nesse sentido, é relevante trabalhar a língua a partir do seu caráter social, valorizando a cultura e a identidade das comunidades e grupos sociais.

O ensino de língua portuguesa baseado nos pressupostos sociolinguísticos tem muito a contribuir para o campo educacional, uma vez que a abordagem da pluralidade linguística brasileira, conscientiza os discentes de que a escola é também um espaço de inclusão dos vários saberes, inclusive o da diversidade do português brasileiro. Além disso, poderá compreender que “a língua é rica, é múltipla, é híbrida, é variável, é mutante” (BAGNO, 2009, p. 37). Destarte, a língua não é estável, sendo a diversidade inerente a ela (BRASIL, 1998).

É importante entender que o falante nativo ingressa na escola com o domínio da linguagem coloquial, a que ele utiliza no seu cotidiano, como no ambiente familiar e entre amigos (MARCUSCHI, 2001). Nessa premissa, o aluno não deve deixar de lado o seu modo de falar para adotar um outro modelo que ainda não domina. Assim, o docente não deve reprimir o uso dessa linguagem adquirida fora da escola, o seu papel é prepará-lo para aos poucos adquirir outras modalidades linguísticas.

Conforme Bagno (2009, p. 45) “ninguém conhece melhor o funcionamento da língua do que o próprio falante”. Então, a escola, a princi-

pal instituição que oferece o saber formal, deve promover a “inclusão linguística”, pois é possível encontrarmos no ambiente escolar, alunos em séries iniciais ou mesmo nas mais avançadas, que se sentem incapazes de utilizar a sua própria língua materna. Nessa perspectiva, no contexto escolar o professor deve adotar um tratamento que valorize todas os níveis linguísticos, desde a língua padrão até as variações mais acentuadas. Dessa forma, o discente irá ter maior facilidade para dominar as diversas modalidades de usos linguísticos.

Bagno (2009) diz que a construção de uma sociedade democrática deve considerar que os modos de falar dos distintos grupos sociais, são também elementos da cultura e identidade dos indivíduos da comunidade que fazem parte. Assim sendo, condenar uma variedade linguística é condenar os indivíduos que a utilizam, como se estes não tivessem capacidade linguística.

As possibilidades pedagógicas são múltiplas em sala de aula, o professor como agente letrado deve ter um olhar atento para as questões referentes à língua, e trabalhar para desconstruir conceitos errôneos, pois as escolhas no cotidiano pedagógico interferem diretamente na educação linguística dos alunos. Mas essa tarefa não é fácil, exige um trabalho árduo e aprimoramento diário com base nas experiências já adquiridas, é analisar as “entrelinhas” do cotidiano escolar, assim encontrar estratégias que melhor se adequem à realidade dos alunos.

Deste modo, a escola como espaço de formação de pessoas, deve instruí-las para executar desde as atividades mais simples até as mais complexas. Assim sendo, é direito dos alunos receberem um ensino que contribua para agregar conhecimento, uma formação que preze pelos vários saberes, do local ao universal.

4. Os nomes de estabelecimentos comerciais

A ação de nomear as coisas é uma prática que remonta desde a civilização, desempenhando um importante papel na sociedade, ao organizar e classificar as formas de se perceber a realidade. Nesse sentido, Biderman (1998, p. 88) nos leva a perceber que é a partir “da palavra que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas. A denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem”. Assim, o processo de nomeação das coisas além de possibi-

litar identificá-las, nos permite uma melhor comunicação e troca de informações dentro da sociedade.

A partir de um processo criativo de organização, o homem desenvolveu a ideia de associar palavras a conceitos, que passam a simbolizar os referentes. É notório que para a nomeação e conceituação da realidade, os referentes são categorizados, podendo partir de aspectos semânticos que os caracterizam, como a altura, se é redondo e retangular, entre outros (BIDERMAN, 1998).

Partindo desse contexto, a utilização de nomes comerciais inseridos nas fachadas dos estabelecimentos, que oferecem algum tipo de serviço para a sociedade, são pensados com uma função social, desenvolvendo o papel de porta-voz, comunicando e conectando as pessoas e empresas. Assim, estes passam a ser associados à ideia de princípios e ideologias, que perpassam do individual ao coletivo (ALVES, 2017).

Sendo assim, a escolha do nome está ligada à intenção do dono do estabelecimento e ao ambiente em que este fica localizado (ALVES, 2017). Muitos dos nomes utilizados nessas fachadas comerciais apresentam recursos importantes para uma análise dos aspectos linguísticos, uma vez que está interligado à noção de contexto sociocultural e é construído a partir das relações de interesse criadas dentro da sociedade.

Existem uma infinidade de nomes, uns que designam a marca do produto que é vendido, outros que fazem relação com os aspectos regionalistas, outros que são construídos a partir dos neologismos ou sofrem a influência da língua estrangeira, uns que refletem a interferência da fala na escrita e existem, ainda, os que são criativos. Tudo isso é utilizado como uma forma de *marketing*. Assim, esses nomes estão inseridos no espaço urbano e para chamar a atenção do consumidor, geralmente são ampliados ou iluminados, possibilitando a leitura à distância (BAR; STURZA, 2017).

Sendo assim, passaremos para as considerações dos procedimentos metodológicos.

5. Procedimentos metodológicos

O trabalho é de cunho qualitativo e de abordagem bibliográfica. Dessa forma, a primeira etapa da pesquisa constituiu na escolha do *corpus* a ser analisado, tendo como ponto de referência, trabalhos científicos

que abordam sobre a análise da variação linguística como proposta de letramento. Nesse sentido, posteriormente, foi feito o levantamento bibliográfico para fundamentação do trabalho, levando em consideração, principalmente, as teorias sobre letramento e variação linguística.

Para uma visualização dos estabelecimentos comerciais em Imperatriz-MA, e posterior seleção, foi utilizada a ferramenta *Google maps*. É válido destacar que, inicialmente, foi pensado em uma entrevista com os donos dos estabelecimentos, para que contassem um pouco da história da criação do nome, como forma de situar melhor o leitor e para uma melhor compreensão do estudo abordado. Todavia, diante da atual situação de pandemia, não foi possível a realização desta atividade.

Logo após fazer a seleção das fachadas utilizamos a ferramenta captura de tela, para registro das imagens. Dentre os critérios utilizados para seleção do *corpus*, foram escolhidas as fachadas comerciais, que apresentam nomes com algum aspecto variacionista ou tipos de variação. Além disso, foram selecionadas 4 (quatro) fachadas para a análise, sendo todas localizadas na cidade de Imperatriz-MA.

Posteriormente, foi realizada a análise do *corpus*, baseando-se nas teorias do letramento e da variação linguística.

6. *Análise do Corpus*

Neste item, trataremos da análise do *corpus* composto por 4 (quatro) fachadas de estabelecimentos, na cidade de Imperatriz-MA.

Figura 01: Loja Buguelo's Bijouterias, em Imperatriz (Maranhão).



Fonte: *Google maps* (2020).

Observamos a partir da figura 01 que o criador da fachada, utilizou-se do termo “buguelo’s” que é típico da linguagem popular, princi-

palmente das pessoas que são oriundas da zona rural. Esta é uma loja que na própria descrição do nome, informa a venda de bijouterias ou peças pequenas. A marca de pluralidade “s”, enfatiza a venda de vários produtos, sendo que a utilização do termo chama atenção por parte do consumidor, o que o induz a fazer a compra do que está sendo ofertado na loja.

Outra consideração importante acerca do termo “buguelo’s” é que este é uma variação do termo “bruguelo”, que no significado dicionarizado é usado para caracterizar uma criança pequena ou um recém-nascido. O termo “buguelo’s” pelo seu uso em sociedade, por ser típico da oralidade ou da linguagem popular, geralmente designa filhotes de passarinhos, menino novinho, dependendo do contexto em que está sendo usado. Desse modo, a variação pode ocorrer de acordo com os condicionadores linguísticos, neste caso temos a supressão ou síncope da consoante “r”; ou por meio dos condicionadores extralinguísticos, que são os de natureza social.

Observamos que a utilização deste termo pode caracterizar uma pessoa que possui um baixo grau de escolaridade, ao mesmo tempo é possível inferir, a partir da figura, que a utilização desse recurso é tida como uma forma de *marketing*.

Neste sentido, o professor pode levar o aluno a perceber que a modalidade oral é diferente da modalidade escrita da língua e, que neste contexto de uso, o termo “buguelo’s” é empregado como uma forma de aproximar-se da linguagem do consumidor, já que é um termo popular e, que dependendo do contexto, termos como este podem ser utilizados, levando em consideração a função/intenção do gênero textual.

Desse modo, na modalidade oral, dependendo do contexto, tanto as pessoas escolarizadas ou não escolarizadas, podem fazer uso do termo. Além disso, na fachada do estabelecimento é possível de análise o termo “bijouterias”, que na maioria das vezes os falantes no seu dia-a-dia, até mesmo os mais escolarizados, pronunciam como “bijuterias” ocorrendo o processo denominado monotongação, definido como a redução do ditongo “ou”, em vogal “o”.

Ainda, percebemos que foi aliada a linguagem popular com a linguagem padrão. Assim, o professor pode levar o aluno a perceber que a variação linguística pode ocorrer nos diversos níveis linguísticos, sendo esta caracterizada como variação fonológica. Destarte, o letramento a partir da realidade dos alunos é uma forma de valorizar o conhecimento prévio que este tem da língua.

Figura 02: Canto da tapioca, em Imperatriz (Maranhão).



Fonte: *Google maps* (2020).

Na figura 02 observamos que a fachada faz referência a uma comida, de origem indígena, que é muito consumida no Nordeste, que é a “tapioca”. Assim, este termo pode ser analisado como sendo uma variação regional. Em muitos lugares a tapioca é conhecida como a massa que é extraída da fécula da mandioca. Em outros, é usada para definir uma espécie de bolo que é feita com esta massa, sendo conhecido, também, em outras regiões, como “beiju”. Além disso, a tapioca enquanto massa, é conhecida também como goma, dependendo do local.

Nesse sentido, é possível perceber que estamos cada vez mais inseridos em uma sociedade que faz uso da escrita e que ser letrado, diz respeito ao uso competente que fazemos da leitura e da escrita no dia a dia (BORTONI-RICARDO; MACHADO; CASTANHEIRA, 2017). Dessa forma, a variação regional, também conhecida como variação geográfica ou diatópica (COELHO *et al.*, 2015) pode ser um dos recursos linguísticos valiosos para o processo de ensino e aprendizagem do aluno.

É válido ressaltar que o professor pode levar o aluno a criar estratégias de leitura, a partir da análise da variação linguística. Para a compreensão de um texto é preciso extrair os significados, procurando conceituar os termos, fazer inferência ou até mesmo relacionar o conhecimento prévio com a informação textual (BORTONI-RICARDO; MACHADO; CASTANHEIRA, 2017). Além disso, o aluno pode ser levado a pesquisar sobre os termos que compõem a variedade regional brasileira, observando as diversas formas de manifestação da língua na sociedade. Isso colabora para que o aluno tenha conhecimento das outras culturas e costumes, levando-o a respeitar as diversidades culturais e linguísticas existentes.

Figura 03: mercearia pêxi pôdi bar music, em Imperatriz (Maranhão).



Fonte: *Google maps* (2020).

Na figura 03 verificamos que nos termos “pêxi” e “pôdi”, a variação acontece de dentro da língua, sendo caracterizada como variação fonológica. Assim, em “pêxi” ocorre dois fenômenos linguísticos, o primeiro é referente à monotongação do ditongo “ei” por “e”, o segundo é relacionado ao alçamento ou elevação da vogal pós-tônica no final da palavra, em que temos “i” por “e”.

Já no termo “pôdi” acontece também o alçamento da vogal pós-tônica no final da palavra, sendo “i” por “e”. Além disso, acontece uma supressão ou síncope do segmento sonoro “r”, em que temos “pôdi” por “podre”. Para investigar estes fatos é preciso, em um primeiro momento, que o professor considere a teoria sobre os fenômenos que designam a variação fonológica, de acordo com cada evento.

Nesse contexto, o conhecimento sobre esse tipo de variação pode tornar o aluno consciente quanto ao uso da língua, respeitando as diversidades existentes. O exemplo da fachada, pode nos direcionar a uma outra questão que é pertinente dentro do contexto escolar, que é a pouca ou inexistente abordagem da interferência da fala na escrita.

Enfatizamos que a variação fonológica aponta caminhos para que o aluno perceba os sons das palavras e o seu processo de formação. Ainda, possibilita ao aluno perceber que geralmente “pêxipôdi”, é uma linguagem usada por pessoas que apresentam um baixo grau de escolarização, diferenças de *status* socioeconômico ou influência da rede social. Assim, a observação sobre os aspectos variáveis da língua em fachadas de estabelecimentos pode ser de grande valia, para levar o aluno a adquirir competência linguística. A partir da criação de hipóteses o aluno conseguirá, não somente fazer a depreensão do que está sendo dito no texto, qual a intenção e o porquê do uso daquele recurso linguístico.

Figura 04: Estabelecimento A bodega conveniência, em Imperatriz (Maranhão).



Fonte: *Google maps* (2020).

Assim, notamos que na figura 04 a fachada da loja apresenta uma expressão que é tida como popular e representa a linguagem nordestina “a bodega”. Assim, o termo “bodega” é usado para se referir a um pequeno armazém onde se vende secos e molhados, estando associada à ideia de taberna. Além disso, existe a variação “budega” que é utilizada como uma gíria em alguns locais, para caracterizar algo que é desprezível, desconhecido, ou até mesmo para expressar um momento de irritação ou descontentamento (essa budega/Ah budega!).

Sendo assim, notamos que o reconhecimento de um grande número de estruturas que são partilhadas pelos falantes, é uma das contribuições dos estudos que a Sociolinguística apresenta para a realidade brasileira. Ao levar em consideração o ensino da língua a partir do contexto, isso induz o aluno a fazer inferências ou relações conceituais daquilo que está sendo analisado. A análise da variação linguística, neste contexto de uso, possibilita ao aluno a capacidade de produzir sentidos a partir do enunciado.

Os nomes comerciais sugerem informações que são relevantes para o estudo da língua, para desenvolver habilidades de leitura e escrita. Assim, o termo “bodega”, ainda, nos leva a refletir sobre o uso das palavras arcaicas, sendo que são poucos os estabelecimentos que utilizam este termo na atualidade. Essa perspectiva abre espaço para pensarmos na formação das palavras, no não reconhecimento, por parte do falante, de alguns termos que são pertencentes a outras culturas, além disso o estudo de termos que são mais comuns na oralidade do que na língua escrita (BORTONI-RICARO, 2004).

7. Considerações finais

O estudo da língua aliado ao processo de letramento é relevante por ser um mecanismo que amplia o conhecimento e leva o indivíduo a

atuar de forma crítica na sociedade, cobrando os seus direitos e reconhecendo os seus deveres como cidadão.

Diante do exposto é possível afirmar que não existe sujeitos iletrados, pois o homem nas suas práticas sociais em algum momento utilizará como base a escrita. Então a escola como uma das agências de letramento precisa possibilitar o contato do aluno, com as diferentes linguagens e textos, o professor não deve se limitar apenas ao texto impresso, é necessário ampliar os horizontes no que concerne ao que é o letramento. Além disso, a variedade de textos torna a prática da leitura mais atrativa.

Portanto, o uso dos nomes comerciais para a análise da variação linguística, como proposta de letramento, possibilita ao aluno desenvolver habilidades e estratégias para uma leitura e escrita de qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria José. *A formação de nomes comerciais nas cidades de Palmas-TO e de Catalão-GO: questões de identidade linguística e cultural*. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2017.

BAGNO, Marcos. *Não é errado falar assim!* Em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola, 2009.

BAR, Emmanuelle Ribeiro; STURZA, Eliana Rosa. *A designação dos estabelecimentos comerciais na cidade fronteira de Uruguaiana: interface português e espanhol*. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/12311>. Acesso em: 06 ago. 2020.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro; CASTANHEIRA, Salete Flôres. *Formação do professor como agente letrador*. São Paulo: Contexto, 2017.

_____. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

BIDERMAN, Maria Tereza Cristina. Dimensões da palavra. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 2, p. 81-118, Araraquara, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COELHO, Izete; GORSKI, Edair; SOUZA, Christiane; MAY, Guilherme. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

FREIRE, P. *A Importância do ato de Ler*: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ROJO, Roxane. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. In: _____. *Letramentos*: práticas de letramento em diferentes contextos. São Paulo: Parábola, 2009. p. 95-120.

_____. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola*: uma perspectiva social. 18. ed. São Paulo: Contexto, 2017. 160 p.

STREET, Brian. *Letramentos sociais*: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola, 2014.